

EDITORIAL

Bolsonaro na ONU: descompasso com a realidade

O discurso do presidente Jair Bolsonaro na abertura comemorativa da 75ª Assembleia Geral das Nações Unidas, ontem, teve tudo para confirmar perante a plateia internacional aquilo que os brasileiros já se acostumaram a ver em seu dirigente maior: negacionismo, reacionarismo, preconceito e, mais do que tudo, capacidade “imaginativa” para distorcer o real.

Ao invés de encarar a realidade dos fatos e a crueza do retrocesso social (o Brasil está de volta ao Mapa da Fome), econômico, cultural e humanitário que já varria o País na véspera da pandemia, Bolsonaro preferiu colocar-se como vítima de uma “campanha de desinformação” provocada “por interesses escusos”

onde não faltaria a mão da imprensa. Não teve pejo de afirmar que “o Brasil é um exemplo para o mundo na gestão ambiental” (e dos direitos humanos). E estaria sofrendo ataques internacionais no meio ambiente por conta de interesses comerciais de concorrentes. Além do mais, acusou os índios de estarem tocando fogo na floresta (embora, contraditoriamente, afirmasse que esta é úmida e infensa à combustão).

Na sua versão imaginária, o desastre no enfrentamento da pandemia foi traduzido assim: “Alertei em meu país que tínhamos dois problemas: vírus e emprego. Ambos devem ser tratados simultaneamente”, disse. “Todas as medidas de isolamento foram delegadas a cada um dos 27 governadores”, ironizou. Por último, uma parcela da “imprensa politizou

o vírus disseminando o pânico (...) Sob o lema ‘fique em casa’, quase trouxeram o caos social ao País” – reclamou. “O nosso governo implementou medidas econômicas que evitaram o mal maior”.

Na verdade, os governadores é que defendiam um tratamento simultâneo, mas, priorizando a vida. Bolsonaro, ao contrário, priorizou, exclusivamente, os negócios, foi contra o isolamento social. E também do uso de máscaras. Postulou uma espécie de “seleção natural”, onde só os fortes sobreviveriam (postulado nada humano, nem cristão). Se seguido, teríamos de aceitar que pessoas idosas e com comorbidades tivessem uma morte horrível: por asfixia, pois não se deveria gastar com a aquisição de respiradores.

Quanto à ajuda emergencial, a ideia inicial era não socorrer ninguém. Ante à

pressão do Congresso, propôs R\$ 200,00 e, a contragosto, aceitou R\$ 600,00. Foi isso que deu sobrevida à economia. E trouxe ao presidente apoio popular, uma descoberta que lhe pareceu ser preciosa para a disputa eleitoral.

Quanto a política internacional, além da frontal acusação a Venezuela pelo acidente de óleo nas praias brasileiras Jair Bolsonaro demonstrou, mais uma vez, completo alinhamento ideológico com Donald Trump ao elogiar as negociações de paz cujo governo americano vem promovendo com países conflituosos no Oriente Médio.

O discurso do presidente brasileiro evidencia o descompasso que seu governo conduz a Nação, descolado dos problemas reais, incapacitado de integrar e liderar às transformações necessárias. ■

OPOVO

FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1928
POR DEMÓCRITO ROCHA

PRESIDENTE & PUBLISHER
Luciana Dummar

PRESIDENTE-EXECUTIVO
João Dummar Neto

DIRETOR-GERAL DE JORNALISMO
Arlen Medina Néri

DIRETOR-GERAL DO COMERCIAL
Marcus Soares

DIRETOR DE PROJETOS ESPECIAIS
Alexandre Medina Néri

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Cecília Eurides

DIRETOR CORPORATIVO
Chiff Villar

CONSELHO EDITORIAL

Adisía Sá; Diatáhy Bezerra de Menezes;
Fausto Nilo; Francisco José de Lima Matos;
Lino Vilaventura; Manfredo Oliveira;
Paulo Bonavides; Pedro Henrique Saraiva
Leão; Plínio Bortolotti; Raimundo Padilha;
Roberto Macedo; Valdemar Menezes;
Wânia Cysne Dummar

DIRETORIA-GERAL DE JORNALISMO
DIRETOR-GERAL

Arlen Medina Néri

DIRETORES-EXECUTIVOS

Ana Naddaf

Erick Guimarães

EDITORES-CHEFES

Cinthia Medeiros; Clóvis Holanda; Fernando
Graziani; Jocélio Leal; Sérgio Falção

EDITORES-EXECUTIVOS

Adailma Mendes; Érico Firmo;
Deglaucy Jorge Teixeira; Guálter George;
Juliana Matos Brito;
Raone Saraiva; Tânia Alves

EDITOR-SÊNIOR

Valdemar Menezes

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Joelma Leal

OMBUDSMAN

Daniela Nogueira

EMPRESA JORNALÍSTICA O POVO S.A.

Av. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora
CEP 60055-402 - Fortaleza - CE - PABX: 3254 1010
CNPJ: 07.222.565/0001-62
www.opovo.com.br

GALERIA DE PRESIDENTES



Demócrito
Rocha
1928 - 1943



Paulo
Sarasate
1943 - 1968



Creuza
Rocha
1968 - 1974



Albanisa
Sarasate
1974 - 1985



Demócrito
Dummar
1985 - 2008

ATENDIMENTO
AO LEITOR E ASSINANTE
3254 1010
mercadoassinante@opovo.com.br

VISITE O JORNAL O POVO
www.opovo.com.br/visiteopovo
3255 6088
opovonaeducacao@opovo.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: Agência Estado e Agência
France Press

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM BRASÍLIA:
MÍDIA DISTRIBUIDORA DE JORNAIS LTDA - Aeroporto
Internacional de Brasília Pres. Juscelino Kubitschek;
Setor de locadoras, lote nº 14, salas 03 e 04;
CEP: 71608-900 - Brasília/DF;
Telefone: (0XX61) 364-9900. Fax: (0XX61) 364-9901
E-mail: idiadistribuidora@grupomidia.com.br

PREÇO DO EXEMPLAR NO CEARÁ:
segunda a sábado: R\$ 3,00; domingo: R\$ 4,00
OUTROS ESTADOS DO NORDESTE:
segunda a sábado: R\$ 4,50; domingo: R\$ 8,00
OUTROS ESTADOS:
segunda a sábado: R\$ 5,50; domingo: R\$ 10,00
ASSINATURA ANUAL: R\$ 1.132,00

ARTIGOS

Por um Brasil diverso e inclusivo



Ítalo Coriolano
italocoriolano@opovodigital.com

Jornalista
do O POVO

Quatro séculos de escravidão não se superaram da noite para o dia. Ainda mais quando uma cultura racista atravança qualquer perspectiva de transformação social. Mas a vida é, em si, dinâmica, e alguns personagens têm a possibilidade de provocar certas mudanças. É o caso da presidente do Magazine Luiza, Luiza Trajano, a mulher mais rica do País, segundo lista da Forbes, divulgada na última sexta, 18.

No mesmo dia, a empresária surpreendeu ainda mais ao lançar um programa de trainee exclusivo para pessoas negras. A Internet veio abaixo! Acusada de promover uma espécie de “racismo reverso”, conceito insustentável sob

todos os pontos de vista, Trajano, em vez de ser parabenizada por todos que desejam um Brasil pujante, foi atacada das formas mais injustas possíveis. A dívida que temos com os afrodescendentes é incalculável. O Estado, mesmo que tardiamente, tenta pôr em prática políticas compensatórias para diminuir o estrago resultante de anos de exclusão. Mas essa dívida não é só de quem ocupa o poder institucional.

Grupos privados podem e devem atuar na criação de medidas afirmativas capazes de romper a tragédia da desigualdade que prejudica a todos. Se voltarmos um pouco no tempo, à procura das origens das riquezas dos multimilionários, com certeza vamos encontrar o sangue e o suor de negros explorados. Refletir sobre o Brasil de ontem e o de hoje despertaria na consciência dos mais

abastados essa responsabilidade.

A partir daí, poderíamos iniciar um novo ciclo de progresso, capaz de alterar números como esses: 35% dos jovens adultos negros vivem abaixo da linha da pobreza. Sim, a miséria aqui tem cor. Sem oportunidades, muitos acabam indo para profissões que têm baixo rendimento ou até mesmo são sugados para o crime, solidificando barreiras do atraso.

Quantos talentos não estão sendo desperdiçados porque muitos negros não conseguem se enxergar em cargos de liderança? O serviço que Luiza está prestando é de relevância única. Que seu pioneirismo inspire um modelo de economia que coloque as pessoas no centro de tudo. Esse é o segredo do sucesso e a chave para um mundo melhor. ■

O “Custo Brasil” é responsabilidade de todos



Ricardo Cavalcante
presidencia@sfiec.org.br

Presidente da Federação das
Indústrias do Estado do Ceará
(Fiec) e do Conselho Deliberativo
do Sebrae/CE

Nada mais gratificante para quem gosta de trabalhar, que poder contribuir para a solução de um grande problema. E mais gratificante ainda, quando este problema afeta a vida de praticamente uma nação inteira.

Todos nós sabemos que o Brasil é um país onde produzir sai muito caro. Há uma série de custos e despesas incidentes sobre a produção, que acabam por comprometer a competitividade dos nossos negócios, dificultando ao exportador brasileiro, por exemplo, a sua inclusão no mercado internacional, e, ao mesmo tempo, inviabilizando ao produtor nacional competir com as marcas globais.

Todos nós já ouvimos falar da lógica que

há por traz disso. Chama-se “Custo Brasil”. E as razões de sua dimensão também são bem conhecidas. Temos uma legislação trabalhista que gera encargos sociais onerosos sobre a nossa folha de pagamento; convivemos com uma burocracia excessiva, que se estende desde a abertura de uma empresa, até o momento em que buscamos competir lá fora; a nossa carga tributária é repleta de impostos, contribuições e taxas, que nos impede de competir em pé de igualdade com as marcas internacionais; sofremos com a falta de infraestrutura – rodovias, ferrovias, hidrovias, aerovias e comunicação – que eleva ainda mais o custo operacional e logístico. Enfim, somos um país caro, tanto para quem produz, quanto para quem consome.

E está exatamente aí o motivo do otimismo com que abri esse artigo. No último

dia 15, estive em Brasília, onde assinei, juntamente com o secretário Especial de Produtividade, Emprego e Competitividade, Carlos Alexandre da Costa, um acordo de cooperação entre o Observatório da Indústria da Fiec e o Ministério da Economia, que haverá de trazer benefícios que transcendem a esfera da indústria, por contribuir efetivamente para a redução do “Custo Brasil”.

Daí estarmos nos sentindo tão gratificados, especialmente por termos investido para tornar o nosso Observatório um dos mais bem estruturados para o tratamento da informação em âmbito nacional e internacional.

Estamos no caminho certo. É hora de estendermos a nossa contribuição para além dos limites do Ceará, beneficiando toda a nação brasileira. ■

Meninas desprotegidas, feminicídios precoces



Daniele Negreiros
cadavidaimporta.comite@gmail.com

Assessora técnica do Comitê
de Prevenção e Combate
à Violência da Assembleia
Legislativa do Ceará

Enquanto sociedade, construímos uma indiferença e uma naturalização da violência contra as mulheres que reafirmam a estrutura patriarcal, inaugurada pelo colonialismo. Com isso, são construídas novas formas de vitimar e vilipendiar os corpos femininos e feminizados sem gerar luto ou indignação. Apesar de todo o aparato jurídico que conquistamos ao longo dos anos, ainda podemos falar da barbárie crescente e moderna de gênero, ou do que já é chamado “genocídio de gênero” pela antropóloga e feminista argentina Rita Segato.

Olhando para o nosso contexto, Ceará e Brasil, é importante entendermos quais

as perspectivas de futuro, desejos, sonhos e medos das meninas periferizadas. Ao buscarmos respostas com a pesquisa “Meninas no Ceará – a trajetória de vida e de vulnerabilidades de adolescentes vítimas de homicídio”, a ser lançada dia 25, identificamos elementos cruciais para compreensão do todo. Ao priorizarmos os marcadores sociais de gênero, raça e classe, além de faixa etária, orientação sexual e escolaridade, entendemos que o impacto do sexismo ganha novos contornos diante de fatores como pobreza econômica e discriminação étnico-racial, transformando em silêncio e morte a opressão sofrida pelas mulheres e meninas.

A violência manifesta nesses marcadores, afetam de maneira mais contundente a vida das meninas, aprofundando dinâmicas de opressão, subordinação e

até restrição de liberdade em seus territórios. Ainda que muitas adolescentes sejam conscientes e reconheçam seus direitos, são impossibilitadas de se emanciparem.

Meninas são assassinadas precocemente por suas relações afetivas, seja namoro, amizade ou vínculo familiar com pessoas de territórios rivais, mas esses casos não são tipificados como feminicídios e sim como conflito entre facções. Em recente dossiê lançado pelo Fórum Cearense de Mulheres, apenas 5,6% dos casos foram registrados como tal em 2018.

Diante desse panorama, meninas periferizadas são assassinadas e criminalizadas sem gerar investigação. Por fim, precisamos urgentemente de políticas de reparação, restituição e justiça, como condições fundamentais para superarmos essa grave crise humanitária. ■

PARA FALAR COM A GENTE

OMBUDSMAN
3255 6181
ombudsman@opovo.com.br

WHATSAPP
(85) 98115 9399

E-MAIL
opiniao@opovo.com.br

TELEFONES
(85) 3255 6104 OU 3255 6129